



O HOMEM E O UNIVERSO

A MEDIUNIDADE

Jornal

E x é r c i t o d e o x a l á

A parapsicologia é uma ciência que estuda os fenômenos mentais e a conduta do indivíduo sob estes fenômenos. Tudo isso dentro de um sistema científico, para fins de incorporá-los ao sistema da psicologia científica.

Existe algo extrafísico ou espiritual na personalidade humana. Existem indivíduos excepcionais, dotados ou superdotados psiquicamente – Os Médiums .

O médium está situado nesta ciência como paranormal, que quer dizer um indivíduo normal, que em determinadas circunstâncias se comporta anormalmente, voltando em seguida para as condições anteriores.

Durante este período comumente o indivíduo situa-se num estado especial entre o sono e a vigília, abrindo as portas profundas de sua mente, o transe. Durante o transe, baixa-se a tensão psíquica e aparece um estreitamento do campo da consciência e dissociação, quem em termos psicológicos, poderia ser explicada pela desconexão da personalidade propriamente dita. Perde-se a capacidade de movimentos voluntários, embora se possa conservar a sensibilidade e a consciência.

Em certas doenças mentais, as coisas se passam como se o indivíduo estivesse permanentemente mergulhado numa situação análoga.

O transe pode ser, semi-consciente, não havendo amnésia lacunar, e o indivíduo se recorda de tudo, ou parte, pondo em dúvida o fato de ter permanecido naquele estado.

O transe inconsciente, ou profundo, caracteriza-se pela amnésia lacunar e externarem sugestibilidade. Conclusões de estudiosos é que não existe transe consciente, o que existe são excelentes médiums intuitivos, isto é, recebem como fosse telepaticamente mensagens de várias espécies, sem com isto alterar sua situação física ou de consciência.

Os Médiums na UMBANDA, são veículos dos ORIXÁS, GUIAS e PROTECTORES, regidos por uma Lei e sistema que lhe é própria. É essa Lei Mater que regula os fenômenos das manifestações e comunicação entre espíritos do Mundo Astral ao Mundo da forma.

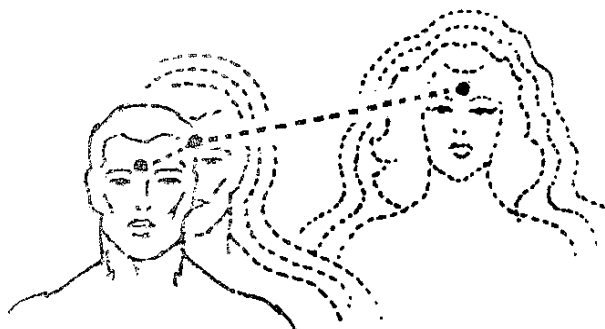
O conjunto das Leis de Deus, que além da parte filosófica, científica, doutrinária e dos fenômenos da mediunidade, pela manifestação dos espíritos, tem ainda, bem definido, o aspecto de uma RELIGIÃO, pela liturgia ritual, simbologia mística, bem como pela magia.

O médium em transe no decorrer do ritual, sente-se seguro e amparado pelos espíritos pertencentes à Lei.

Fala-se muito de mediunidade, muitas obras existem publicadas no mercado, chegam, até a se contradizerem, pois não é fácil explicar um fenômeno extra físico por maneiras físicas.

Fala-se de comunicação ao subconsciente ou inconsciente em estado hipnótico, que não é nada disso.

Existe sim além do inconsciente um Mundo novo. Este Mundo que o médium penetra, superando o próprio espaço-tempo real, a grande esperança da Humanidade.



Índice:

p.2.....	Orixá do mês: Obaluaíê
p.3.....	As Umbandas da Umbanda
p.4.....	Coluna de Ossain
p.5.....	A nossa Camarinha
p.5.....	A Minha História
p.6.....	Volência Contra Sem Abrigo
p.6.....	É tudo uma questão de consciência
p.6.....	Voluntário nos Bastidores
p.7.....	Tambores de Angola
p.8.....	Histórias de Umbanda

Ano 2010
Agosto

Propriedade: Tupomi
Distribuição: Mensal
Gratuito



Morada: Rua João Maia nº394-A, Código Postal: 4475-643
Contactos: 91 681 38 19
E-mail: jexercitodeoxala@hotmail.com
Site: www.tupomi.com

OBALUAÊ



“ Obaluaê está presente em todas as enfermidades e a sua invocação, nessas horas, pode significar a cura, a recuperação da saúde”

Filho de Nanã – que abandonou por ser doente – foi criado por Iemanjá. É o irmão mais velho de Ossaain, Oxumaré e Ewá. Uma vez esquecido por Nanã, foi criado por Iemanjá, que o curou das moléstias. Cresceu forte, desenvolveu a arte da caça, tornou-se guerreiro e viajante.

Obaluaê está presente no nosso dia a dia, quando sentimos dores, agonia, aflição, ansiedade, está presente quando sentimos coceira e comichão na pele, rege o suor, a transpiração e seus efeitos, rege todas as doenças. Está presente nos hospitais, casas de saúde, postos de saúde, clínicas, sempre muito perto dos leitos. Ele proporciona a doença mas, principalmente a cura, a saúde. É o Orixá da Misericórdia.

O Sol, também tem a sua regência. É também o calor provocado pelo Sol quente. Há quem diga que não se deve sair à rua quando o Sol está quente sem a proteção de um Patuã, a fim de não correr riscos e não sofrer a ira de Obaluaê.

Divide com Iansã a regência dos cemitérios, pois ele é o Orixá que vem como emissário de Oxalá (princípio activo da morte), para buscar o espírito desencarnado. É Obaluaê que vai mostrar o caminho, servir de guia para aquele espírito. Também é o Senhor da Terra e das suas camadas, para onde vamos todos,. Daí a sua ligação com os mortos, pois é ele quem vai cuidar do corpo sem vida, e guiar o espírito que deixou aquele corpo

Existe uma variedade de tipos de Omulu-Obaluaê, como acontece com todos os Orixás. Existem formas guerreiras e não guerreiras, de idades diferentes, etc mas em termos mais restritos, Obaluaê é a forma jovem do Orixá (cujo nome não se pode dizer), enquanto Omolu é a sua forma velha. A visão de Omolu-Obaluaê é a do castigo. Se alguém falta com ele ou um Filho de Santo seu é ameaçado, o Orixá castiga com violência e determinação.

Os designios de Obaluaê nos faz reflectir sobre o valor da vida Humana e o quanto ela é fragil. Infelizmente, o ser Humano só dá valor ao que tem quando está perdendo, como a saúde, por exemplo.



Dia da semana: Segunda-feira; Cores – preto, branco e vermelho; Domínios – Terra, árvores, cemitérios, estradas abandonadas, universo das doenças; Saudação – “Atotô” (significa - silêncio – respeito);Data comemorativa – 16 Agosto; Símbolo – Xaxará ou ileo (com que limpa as doenças e os males); Sincretismo – S. Roque (S. Lázaro); sua imantação compõe-se de DEBURU (pipocas feitas na areia).

Arquétipo – Sóbrios, reservados, generosidade destacada, geniosos, independentes, teimosos, tendencia ao masoquismo

Conta-se que certo dia, numa das suas jornadas, chegou a uma aldeia, coberto de palha, como sempre viveu e, como todos conheciam a sua fama, sua ligação com as doenças e as moléstias, foi barrado antes de entrar na aldeia. - Não o queremos aqui – disse o dirigente da Aldeia. - Mas quero apenas água e um pouco de comida, para prosseguir minha viagem. Apenas isso! Repondeu Obaluaê. – Vá se embora, não precisamos de doenças, nem de mazelas na nossa aldeia. Vá procurar água e comida noutro lugar! Então Obaluaê foi se sentar no alto do morro próximo. A manhã mal começara e ele ficou, sentado, envolto em palha, observando a subida do sol. O tempo foi passando e, ao meio dia o Sol estava escaldante, tornou-se insuportável. A água ficara quente, os alimentos estragaram-se e toda a Aldeia se contorcia de dores, aflição e agonia. Obaluaê observava tudo, imóvel como um totem. Como um simbolo de palha. Na aldeia fez-se um alvoroço. Uns tinham dores de barriga, outros fortes dores de cabeça... Aos poucos a morte foi chegando...Parecia que o tempo havia parado ao meio dia, mas na realidade foram 3 dias de sol quente, pois a noite não chegava. E meste tempo a aldeia viu-se às voltas com doenças, loucura, sede, fome, morte!...Obaluaê, inerte, via tudo imóvel... Não aguentando mais, e vendo que o Orixá continuava do alto do pequeno morro, o Chefe da aldeia foi até ele suplicar perdão, atirando-se a seus pés... - Em nome de Olorum, perdoe-nos, já não suportamos tanto sofrimento. Perdoe-nos por favor Senhor.

De subito Obaluaê levantou-se, desceu até à aldeia e pisou a terra, tornou-a fria. Tocou a água, tornando-a fria, tocou os alimentos e tornou-os comestíveis; tocou a cabeça de cada um dos aldeões e curou-hes a doença; tocou os mortos e os fez voltar à vida em seus corpos. Restaurada a normalidade, pediu mais uma vez – Quero um pouco de água e alguma comida para prosseguir viagem... Num repente foi-lhe servido o que de melhor havia, deram-lhe vinho de palmeira, frutas, carnes, legumes cereais.

Voltando-se para os aldeões, Obaluaê, deu-lhes uma lição de vida – Vivemos num só Mundo. Sobre a mesma Terra, debaixo do mesmo Sol. Somos todos irmãos e devemos ajudar-nos uns aos outros, para que a vida seja mantida. Dar água a quem tem sede, comida a quem tem fome é ajudar a manter a vida.

OBALUAÊ QUE A SUA BENÇÃO E PROTECCÃO NOS SEJA DADA SEMPRE.



AS UMBANDAS DA UMBANDA

Há de se entender, antes de qualquer explicação, que a UMBANDA é uma religião, ou seja, é composta de elementos Divinos (Orixás e Guias); Doutrinários (linhas de atuação, reencarnação, lei do karma, atuação e direcionamento dos médiuns, assistenciados e guias, ...; Princípios (amor, caridade, respeito ao próximo, fé, ...); Rituais (abertura e encerramento das sessões, pontos cantados, feitura, ...); Místicos (a forma de atuação dos Orixás e Guias); Divinatórios (jogo de búzios, ...) Humanos (seus médiuns, Babás, Babalorixas, Sacerdotes, ...).

Cabe salientar que esses elementos são variáveis e podem ser vistos com mais ou menos intensidade de acordo com a linha doutrinária da casa (Linhas doutrinárias ou Escolas Doutrinárias). Como são muitas as ramificações e suas formas, isso torna difícil agrupá-las em suas peculiaridades, ritos, doutrina, fundamentos, filosofia, práticas. Pretendemos olhar de maneira geral os elementos mais comuns a cada ramificação dentro do possível.

A UMBANDA é uma religião de cunho espiritualista (contato e/ou interferência de espíritos, manipulações magísticas, práticas de cura através dos espíritos e/ou ervas/poções/conjuros, utilização de elementos ou instrumentos místicos)/mediúncia (instrumento pelo qual a prática religiosa se faz presente, especificamente, a incorporação) que agrega elementos de bases africanas (culto aos Orixás e ao espírito dos antepassados: Pretos-Velhos), indígenas (Caboclos), que recebeu influência oriental (indiana, inerente à reencarnação, o karma e o dharma), e adquiriu elementos do cristianismo (judaísmo) como a caridade, o auxílio ao próximo e outros ditos por Jesus Cristo que no sincretismo religioso (associação dos Santos Católicos aos Orixás africanos) consideramos como o Orixá Oxalá.

Existem algumas versões para a origem da Umbanda.

Tentaremos mostrar uma face dessa origem, salientando que não importa as formas variáveis da origem, e sim, como ela atua e o que têm em comum: sua essência.

O início do movimento Umbandista se coloca entre a primeira e a segunda metade do século XIX, junto ao candomblé.

Os negros nas senzalas cantavam e dançavam em louvor aos Orixás, embora aos olhos dos brancos eles estavam comemorando os Santos católicos. Em meio a essas comemorações eles começaram a incorporar espíritos ditos Pretos-Velhos (reconhecidos como espíritos de ancestrais, sejam de antigos Babalaôs, Babalorixás, Yalorixás e antigos "Pais e Mães de senzala": escravos mais velhos que sobreviveram à senzala e que, em vida, eram conselheiros e sabiam as antigas artes da religião da distante África) que iniciaram a ajuda espiritual e o alívio do sofrimento material, àqueles que estavam no cativeiro.

Embora houvesse uma certa resistência por parte de alguns, pois consideravam os espíritos incorporados dos Pretos-Velhos como Eguns (espírito de pessoas que já morreram e não são cultuados no candomblé), também houve admiração e devoção.

Com os escravos foragidos, forros e libertados pelas leis do Ventre Livre, Sexagenário e posteriormente a Lei Áurea, começou-se a montagem das tendas, posteriormente terreiros. Em alguns Candomblés também começaram a incorporar Caboclos (índios das terras brasileiras como Pajés e Caciques) que foram elevados à categoria de ancestral e passaram a ser louvados. O exemplo disso são os ditos "Candomblés de Caboclo". Muito comuns no norte e nordeste do Brasil até hoje.

No início do sec. XX surgiram as Macumbas no sudeste do Brasil, mas precisamente no Rio de Janeiro (sendo que também existiam em São Paulo) que mesclavam ritos Africanos, um sincretismo Afro-católico e outros mistos magísticos e influências espíritas (kardecistas). Isso era feito isoladamente, por indivíduos e seus guias, ou em grupamentos liderados pelo Umbanda ou embanda que era o chefe de ritual.

De certa forma, com o passar do tempo, tudo que envolvia algo que não se enquadrava no catolicismo, protestantismo, judaísmo ou no espiritismo, era considerado macumba. Virou um termo pejorativo e as pessoas que a praticavam, o que podemos rotular como uma "Umbanda rudimentar", não estavam muito interessadas ou preocupadas em dar-lhe um nome. Porém, o termo Umbanda já era utilizado dentro de uma forma de culto ainda meio dispersa e sem uma organização precisa como vemos hoje.

A mais antiga referência literária e denotativa ao termo Umbanda é de Heli Chaterlain, Contos Populares de Angola, de 1889. Lá aparece a referência à palavra Umbanda.

UMBANDA: Banto - Kimbundo = arte de curar.

Segundo Heli Chaterlain, tem diversas acepções correlatas na África (ref.: Cultura Bantu):
1 - A faculdade, ciência, arte, profissão, negócio;
1a) de curar com medicina natural (remédios) ou sobrenatural (encantos);
1b) de adivinhar o desconhecido pela consulta à sombra dos mortos ou dos gênios, espíritos que não são humanos nem divinos;
1c) de induzir esses espíritos humanos que não são humanos a influenciar os homens e a natureza para o bem ou para o mal;

Com o passar do tempo a Umbanda foi se individualizando e se modificando em relação ao candomblé, ao Catolicismo e ao Espiritismo. Através dos Pretos-Velhos e Caboclos, que guiaram seus "cavalos" (médiuns), a Umbanda foi adquirindo forma e conteúdo próprios e característicos (identidade cultural e religiosa) e que a diferencia daquela "Umbanda rudimentar" ou Macumba.

A incorporação de guias de Umbanda também ocorreu em outras religiões além do Candomblé, como foi no caso do espiritismo. Em 1908, na federação espírita, em Niterói, um jovem de 17 anos, Zélio Fernandino de Moraes, foi convidado a participar da Mesa Espírita. Ao serem iniciados os trabalhos, manifestaram-se em Zélio espíritos que diziam ser de índio e escravo. O dirigente da Mesa pediu que se retirassem, por acreditar que não passavam de espíritos atrasados (sem doutrina).

As entidades deram seus nomes como Caboclo das Sete encruzilhadas e Pai Antônio. No dia seguinte, as entidades começaram a atender na residência de Zélio todos àqueles que necessitavam, e, posteriormente, fundaram a Tenda espírita Nossa Senhora da Piedade.

Zélio foi o precursor de um "trabalho Umbandista Básico" (voltado à caridade, assistencial, sem cobrança e sem fazer o mal e priorizando o bem), uma forma "básica de culto" (muito simples), mas aberta à junção das formas já existentes (ao próprio Candomblé nos cultos Nagôs e Bantos, que deram origem às Umbandas mais africanas - Umbanda Omoloko, Umbanda de pretos-velhos-; ou aquelas formas mais àquelas ao espiritismo - Umbanda Branca-; ou aquelas formas oriundas da Pajelança do índio brasileiro - Umbanda de Caboclo -; ou mesmo formas mescladas com o esoterismo de Papus - Gérard Anacleto Vincent Encausse -, esoterismo teosófico de Madame Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), de Joseph Alexandre Saint-Yves d'Alveydre - Umbanda Esotérica, Umbanda Iniciática, entre outras) que foram se mesclando e originando diversas correntes ou ramificações da Umbanda com suas próprias doutrinas, ritos, preceitos, cultura e características próprias dentro ou inerentes à prática de seus fundamentos.

Hoje temos várias ramificações da Umbanda que guardam raízes muito fortes das bases iniciais, e outras, que se absorveram características de outras religiões, mas que mantêm a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé.

Alguns exemplos dessas ramificações são:

· "**Umbanda tradicional**" - Oriunda de Zélio Fernandino de Moraes";

· "**Umbanda Popular**" - Que era praticada antes de Zélio e conhecida como Macumbas ou Candomblés de Caboclos; onde podemos encontrar um forte sincretismo - Santos Católicos associados aos Orixás Africanos";

· "**Umbanda Branca e/ou de Mesa**" - Com um cunho espírita - "kardecista" - muito expressivo. Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos Africanos - Orixás -, nem o trabalho dos Exus e Pomba-giras, ou a utilização de elementos como atabaques, fumo, imagens e bebidas. Essa linha doutrinária se prende mais ao trabalho de guias como caboclos, pretos-velhos e crianças. Também podemos encontrar a utilização de livros espíritas - "kardecistas" - como fonte doutrinária;

· "**Umbanda Omolokô**" - Trazida da África pelo Tatá Trancedo da Silva Pinto. Onde encontramos um misto entre o culto dos Orixás e o trabalho direcionado dos Guias;

· "**Umbanda Traçada ou Umbandomblé**" - Onde existe uma diferenciação entre Umbanda e Candomblé, mas o mesmo sacerdote ora vira para a Umbanda, ora vira para o candomblé em sessões diferenciadas. Não é feito tudo ao mesmo tempo. As sessões são feitas em dias e horários diferentes;

· "**Umbanda Esotérica**" - É diferenciada entre alguns segmentos oriundos de Oliveira Magno, Emanuel Zespo e o W. W. da Matta (Mestre Yapacany), em que intitulam a Umbanda como a Aumbhandan: "conjunto de leis divinas";

· "**Umbanda Iniciática**" - É derivada da Umbanda Esotérica e foi fundamentada pelo Mestre Rivas Neto (Escola de Síntese conduzida por Yamunisiddha Arhapiagha), onde há a busca de uma convergência doutrinária (sete ritos), e o alcance do Ombandhum, o Ponto de Convergência e Síntese. Existe uma grande influência Oriental, principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sanscrito;

· "**Umbanda de Caboclo**" - influência da cultura indígena brasileira com seu foco principal nos guias conhecidos como "Caboclos";

· "**Umbanda de pretos-velhos**" - influência da cultura Africana, onde podemos encontrar elementos sincréticos, o culto aos Orixás, e onde o comando e feito pelos pretos-velhos;

· Outras formas existem, mas não têm uma denominação apropriada. Se diferenciam das outras formas de Umbanda por diversos aspectos peculiares, mas que ainda não foram classificadas com um adjetivo apropriado para ser colocado depois da palavra Umbanda.



COLUNA DE OSSÃO O PODER DAS ERVAS

Sabemos e é comprovado o uso das ervas nas curas do organismo Humano, mas agora podemos ter a opção de tê-las como curativas da alma.

As ervas são produzidas no maior laboratório elemental da natureza: a Terra. Observando-as e estudando-as sabemos em que situação usá-las. Poderá ser na forma de incenso, fusão, óleos, chás, sendo que no caso de ingestão, deve-se sempre consultar um especialista (Homem da bata branca), que será o melhor indicador de como usá-las correctamente. Muitos têm por hábito apenas ferver as folhas de determinada erva, para que o seu vapor purifique o ambiente e a alma das pessoas que nele se encontram. Tente. Será algo novo que lhe deixará repleto!

Relacionamos algumas ervas, por seus nomes mais conhecidos e populares:



ALECRIM

Indicado para aqueles que tendem sem pré a guardar, reter sentimentos como mágoas e ressentimentos, liberando estas energias já densas, alterando o seu padrão, realçando o exercício do perdão e trazendo a alegria e o amor á tona em nossos comportamentos.



ALFAZEMA

Ao que agem de maneira impensável ou sentem insegurança para agir despertando o discernimento.

Actua no sistema nervoso do corpo acalmando-o, permitindo diminuir as culpas de actos impensados e ajudando a manifestação da intuição



ANIS

Ensina o fluir natural dos sentimentos da forma como eles se originam, sem que as barreiras conceituais ou outras manifestações da personalidade que tenham qualquer influencia.



ARNICA

Combate a dispersão excessiva daqueles que pensam intensamente sobre vários assuntos ao mesmo tempo e não conseguem agir sobre nenhum deles, prejudicando o seu caminhar como um todo. Actua trazendo-os para acção e conclusão.



ARRUDA

Promova a queima interna activando o elemento fogo dentro de nós. Dissipa os elementos densos e negativos e limpa os nossos arquivos, trazendo consciência plena dos nossos potenciais, inclusive os espirituais.



ARTEMISIA

Aos que "fabricam pensamentos com ansiedade a ponto de gerar emoções grosseiras e irreais. Traz a razão o padrão das suas próprias ideias, rapidamente e com consciência.

A NOSSA CAMARINHA



Nos dias 2, 3 e 4 de Julho o Tupomi (Templo de Umbanda Pai Oxalá e Mamãe Iansã) realizou a sua 4ª Camarinha.

Desta vez e devido ao crescente numero de participantes, o local escolhido não foi o Gerês, pois a casa não albergava tanta gente, mas sim um local paradisíaco na região transmontana, mais concretamente no concelho de Valpaços.

O local foi sem dúvida uma escolha acertada. As condições do espaço eram ótimas e a natureza envolvente fizeram com que a força dos trabalhos fosse ainda maior.

A ansiedade de uns, principalmente dos iniciados, contrastava com a alegria de outros, que até aproveitaram estes dias para uma folga nas suas azafamas quotidianas.

E assim chegou o dia. O encontro foi, e como não podia deixar de ser, no Terreiro. E á hora marcada, salvo uma ou outra excepção, lá estávamos todos. Após uma explicação do que se pretende num ritual desta natureza, e alguns alertas sobre os perigos de uma viagem em caravana, lá seguimos nós, distribuídos nas 22 viaturas que se fizeram á estrada.

Percorridos os cerca de 140 Kms e ao fim de umas 2 horas, lá chegamos á nossa casa. Os comentários eram os mais diversos, mas todos eles positivos. Mas não eram esses comentários nem essas reacções que queríamos presenciar. O que queríamos de verdade, era ver a reacção das entidades ao pisarem tal chão, onde a evolução e a destruição da beleza natural parece não ter chegado.

E a reacção foi a mais esperada. Força, alegria, presença e afirmação fizeram destes momentos únicos e inesquecíveis.

Neste tipo de retiro, pretende-se a união de todos os presentes. E isso foi conseguido. As tarefas são logo atribuídas e cada um recebeu com agrado as funções que lhes foram incumbidas. Desde as refeições á limpeza, tudo correu na perfeição.

Os trabalhos de “gira e desenvolvimento” também revelaram algumas surpresas bastante agradáveis, mas que ficam apenas para os que neles participaram. Resta apenas dizer que os objectivos foram cumpridos e que saímos desta camarinha ainda mais unidos e com um sentimento de família mais acentuado. Hoje somos mais, mas somos um só. Somos TUPOMI!

CAMARINHA — É o nome dado à prática existente em alguns terreiros, que consiste em concentrar os iniciados num recinto especial durante alguns dias, enquanto perdurar o desenvolvimento da mediunidade e aprendizagem de assuntos relacionados aos trabalhos de terreiro, mediante práticas ritualísticas rigidamente estabelecidas. Termina com a Saída de Camarinha, cerimónia na qual os iniciados são formalmente apresentados.

MIGUEL ESPIRITO SANTO

A MINHA HISTÓRIA



Como aqui cheguei!
Há pouco mais de um ano um amigo me disse!

Não estás bem.

Precisas de ajuda.

Vem comigo.

No estado em que se encontrava a minha vida familiar e profissional não pensava que alguém ou religião ou o que fosse me demovesse para me encontrar. O percurso que tinha percorrido foi muito penoso, digo até sem esperança, cada dia que passava sentia que o fim estava a chegar, não havia motivo nenhum para cá andar, nada fazia sentido a não ser os meus filhos e a minha mulher. Entrei nesta casa branca com bandeira branca, quase todos vestidos de branco, pensei como pensam muitos que aqui vêm, isto é macumbiça ou dessas coisas assim. A gira era de Pretos-Velhos todos fumando arqueados com todo aquele ambiente defumado e ritmado pelos atabaques era no mínimo estranho, ainda mais tenso fiquei.

Foi ai nesse dia que tudo caiu, a dor não passou mas acalmou, os pensamentos constantes negativos abrandaram, a vontade tremenda de que o próximo sábado chegasse foi imediata. E sábado a sábado comecei a entender gradualmente que não estava só, as palavras aconchegantes dos filhos desta casa, as palavras curtas mas estimulantes da minha Mãe Elsa fizeram com que o meu caminho se transformasse de dor para amor de turbulência para paz. Não posso negar que todos com a humildade e carinho fizeram toda a diferença para a minha entrega a esta casa TUPOMI, minha segunda família.

O caminho que comecei a percorrer inclui sem sombra de dúvidas o Exército de Oxalá instituição essa que fez e faz sempre que posso o conjugar da causa e efeito desta caminhada. A família será sempre em qualquer parte do mundo o pilar da união e da entre ajuda, quem não sabe o que isso é procure, quem tem, faça todos os dias um pouco mais do que o dia anterior, nunca devemos achar que o que fazemos é suficiente! Em tudo o que disse neste pequeno texto nada disto seria possível sem o meu pilar de sustentação a minha ” BIÓ ” aquela que sempre estive ao meu lado levantando-me de todas as quedas que tive e que terei, sim é a minha guerreira a força que tenho hoje também a ela o devo e a todos os amigos que se encontram ao meu lado dia a dia. Penso no dia que agora vai nascer... essa sim é a 1ª lição de todas as outras.

Meus amigos, como a minha guerreira me disse uma vez “ Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo “ FP

JAIME LOUREIRO

UM EXERCITO DE AMOR



No dia anterior já se tinham iniciado os preparativos para mais uma ronda aos mais desfavorecidos da cidade.

As batatas, as cenouras, os legumes já haviam sido preparados, a carne cortada e hoje acrescentada para que a sopa, sirva como forma de fortalecer a matéria e aconchegar o estômago.

Nesta Quinta-feira a azáfama no TUPOMI estava radiante, enquanto rodávamos na mesa e coliciávamos nos sacos os ingredientes do KIT (bolos, água, sumos, iogurtes, pão, sandes e fruta) que iriam ser distribuídos juntamente com a sopa.

Está a chegar a hora, os que vão participar nesta ronda já têm os coletes postos, todo demos as mãos, formando uma corrente forte, todos rezamos o Pai Nosso e pedimos ao Sr. Ogun que nos proteja durante esta noite..

A ronda está a iniciar-se e o primeiro impacto é uma forte emoção que por vezes leva a que lágrimas furtivas nos desçam pela face, mas depressa elas secam, porque uma mão amiga nos passa a mão na face e nos consola.

É difícil a primeira ronda, porque vemos em cada Homem e Mulher a nossa imagem. Que sorte temos porque quem amamos está sempre perto de nós e olham por nós.

Cada Jovem que aparece, nos dá um aperto no coração, sou Mãe e sofro por aqueles Jovens não estarem no calor de sua casa junto com os seus Pais e irmãos.

É assim, cada ronda é única, na próxima semana será diferente, mas sempre carregada de emoções, mas sempre os meus irmãos do Exército de Oxalá estarão com novas emoções, um sorriso nos lábios e uma lágrima no coração.

É assim que entendemos a vida, ser solidários porque se ajudar-mos os outros, estaremos também a ajudar-nos.

Não queria terminar sem lembrar que por traz de cada grande obra, há sempre um rosto.

E este rosto é a Mãe Elsa que de corpo e coração nos guia no caminho do Amor e, parafrazeando-a "Nem que haja só um...O Tupomi e o Exército de Oxalá, cumprirão sempre a sua missão..."

MANUELA MOREIRA

É TUDO UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA



A estratificação social não é uma realidade actual, ela remete desde os tempos da antiguidade clássica. Este conceito entende-se pela criação de estereótipos sócias, ou seja, características comuns de um determinado grupo de pessoas que vão constituir uma classe. Sendo que ao nível de toda a experiência histórica deste conceito ela conheceu diferentes definições, bem como distintas classes. Mas sem dúvida que a grande revolução foi o surgimento da burguesia, que entende-se por um grupo de pessoas que se destacaram-se da classe social do povo com grandes fortunas, mas por não fazerem parte de famílias nobres não podiam integrar a classe da nobreza, sendo assim o povo rico.

Da existência de um povo rico, derivou a existência de um povo pobre, com condições de vida abaixo da média da dignidade de sobrevivência. Esta realidade conduziu a grandes alterações no quadro institucional do próprio Estado, daí podemos justificar o surgimento de um Estado Providencia, ou seja, um Estado que para além realizar a sua função governamental, também visa a garantia de uma condição mínima de vida, de sobrevivência.

Assim, em um quadro teórico do Estado Providência, cabe ao Estado assegurar as condições mínimas aos cidadãos, mas na realidade não é bem isso que acontece, porque o Estado não consegue assegurar essas condições mínimas e a existência de pobreza, de sem abrigos e de carências fazendo com que continue a existir pessoas sem condições.

Desta forma, ao longo dos tempos sempre existiram pessoas com melhores condições que tentaram proporcionar o melhor os mais desfavorecidos e de melhor forma possível fizeram com que algumas das suas carências foram afastadas. Foi a esse desafio que o Exército de Oxalá se propôs a ultrapassar, e dentro dos princípios da Umbanda e da evolução espiritual, como o da caridade iniciou o seu trabalho e tem-no feito com grande sucesso recebendo o melhor retorno possível dos sem abrigo da cidade do Porto.

Para além disso, tendo a noção de que tudo o que fazemos é uma pequena gota no oceano temos a consciência tranquila de que estamos a fazer o nosso trabalho social reconfortando corações a cada quinta feira que passa, tendo a ideia de que apenas fazemos aquilo que a nossa consciência humana manda fazer, dado que para além de todo o fundamento humano existe o fundamento humanístico, ou seja, a solidariedade humana.

Faça também a sua parte e ajude quem mais precisa da forma que puder, dado que muitas vezes basta uma palavra para fazer alguém feliz, e se não for mais nada, basta um sorriso para aqueles que todos os dias desafiam as lágrimas da rua e da pobreza de não ter como se aquecer, ou uma água para matar a sede, ou ainda um simples rasgar de lábios para matar a triste realidade da tristeza.

JOSÉ CONDE

VOLUNTÁRIO NOS BASTIDORES



Todas as quintas feiras os voluntários juntam-se para realizar o seu apoio social para com os sem abrigos da cidade do Porto. Apesar de ronda partir das nossas instalações às 21:30, a trabalho de solidariedade inicia-se logo de manhã onde, um dos voluntários de bastidores vai a Amorim buscar bolos para os nossos kit's.

Depois, a partir das 14:00 horas, um grupo de voluntários junta-se em nossas instalações para começar a preparar as coisas para a ronda, para se fazer a sopa, que os legumes já tinham sido descascados e cortados no dia anterior, bem como se preparar as coisas para os kit's. Para além disso, outros voluntários partem para a rua a fim de se recolher todas as doações que nos dão para distribuímos aos sem abrigo, como o pão, a fruta, as águas, os sacos, colheres, entre outras coisas.

É preciso ter-se a consciência que para se realizar o apoio social os sem abrigo é preciso trabalhar-se em equipa, onde todos têm o mesmo ideal, a mesma consciência de ajudar o próximo e fazer os esforços necessários a favor dos mais carenciados, sendo que é tão importante aqueles que vão para a rua, como aqueles que trabalham nos bastidores assegurando todas as condições, como a separação de roupas, para que a ronda seja realizada com todo o sucesso e os nossos utentes fiquem satisfeitos com o nosso apoio.

Assim, o espírito de família e de união é preponderante no sucesso do Exército de Oxalá onde ninguém se preocupa em se evidenciar, mas sim em fazer o seu trabalho. Ninguém procura importância, mas sim garantir que o seu espírito de solidariedade seja uma mais valia para aqueles que mais necessitam.

O Exército de Oxalá, para além do trabalho social que realiza de apoio aos mais carenciados é uma escola para os seus voluntários, que sabendo das adversidades das vidas dos mais carenciados aprende e reflete sobre as suas vidas e dá valor as coisas mais simples da vida como o conforto de um lar e do aconchego de um abraço.

JOSÉ CONDE

TAMBORES DE ANGOLA



Um mistério envolve de tal forma essa manifestação religiosa que se torna difícil para o leigo saber a sua origem e o seu significado. Seus rituais tornaram-se tão misteriosos que os brasileiros com o seu misticismo natural, foram explorados por aqueles que nenhum escrúpulo tinham em relação à fé alheia. Mas essa não é característica da Umbanda.

Por todo lugar onde há o sentimento religioso, manifestam-se pessoas inescrupulosas, que abusam da fé alheia. Protestantes, católicos, espíritas, espiritualistas, esotéricos e também umbandistas não estão livres do comércio e do abuso das almas alucinadas. Mas, no Brasil, essa terra abençoada onde as pessoas preferem julgar antes e talvez, conhecer depois a Umbanda, por se manifestar, na maioria das vezes, para aqueles possuidores de umas almas mais simples, de uma fé menos exigente que os tornam vítimas dos pretensos sábios e donos da verdade, recebeu uma marca, um rotulo, que aos poucos, somente aos poucos vai-se desfazendo. Isso ocorreu também devido às manifestações de sectarismo religioso, antifraterno e anticristão de uma minoria, o que gerou o preconceito contra os rituais da Umbanda, seu vocabulário, suas devoções.

Esse preconceito meio velado é que fazia D. Niquita armar-se contra tudo. Preparou o talão de cheques, pois ouvira falar que nestes lugares se cobrava e muito para realizar um “trabalho”, quem sabe algum despacho ou “ebó”, como ouvira algum dia na televisão. Mas bem que tinha uma certa inclinação para essas coisas. Embora fosse católica apostólica romana, de vez em quando recorria às rezas, aos benzimentos e a outras possibilidades que Ione lhe ensinava, mesmo porque “Ione é uma médium muito forte, só não é desenvolvida. Mas o que importa? Médium é médium”, pensava ela em sua ignorância das coisas espirituais.

Dentro do carro, olhava para Ione meio desconfiada, imaginando encontrar no “centro” toda uma parafernália de instrumentos de culto, animais para serem mortos, velas e defumadores, cânticos estranhos e muita cachaça; afinal, não era assim que falavam nos comentários de televisão e não era assim que a “caridade” do povo se referia ao culto?

Talvez encontrasse também um povo esquisito, vestido com roupas espalhafatasas, com imensos colares extravagantes pendentes no pescoço e fumando charutos.

- Ai meu Deus! – Deixou escapar D. Niquita.

- Onde me meti?

- O que foi que a senhora disse, D. Niquita? – perguntou Ione, que se distraíra.

- Tudo bem! Tudo bem! Eu faço tudo por meu filho. Estava apenas rezando sozinha – mentiu.

Aproximaram-se do local que tinha aspecto agradável e era localizado em rua arborizada. Antes de chegar, pôde ver muitos carros parados em frente a uma casa de aspecto simples, mas de bom gosto. Pararam o carro e desceram. D. Niquita conservava-se pensativa e esperava ver a multidão de gente “esquisita” entrando escondida em algum lugar escuro e de aspecto diferente. Esta foi a sua primeira decepção. Deparou com pessoas alegres, joviais, efusivas. Foi recebida com imenso carinho, enquanto Ione a apresentava aos amigos que lhe cumprimentavam com um “saravá”, frase característica de nossos irmãos umbandistas.

Adentrou a casa ou tenda, como era chamada pelos frequentadores; então teve mais uma surpresa e quem sabe uma decepção..

Nada de ambiente escuro, malcheiroso nem de pessoas diferentes.

Encontrou pessoas normais. Tão normais quanto ela mesma. Sorridentes, porém, respeitadas pelo ambiente onde se encontravam. O cheiro de rosas e outras ervas que não pôde identificar enchia o ambiente de um agradável odor, que lhe fazia imenso bem. Foi acalmando-se intimamente. O efeito das ervas aromáticas foi aos poucos estabelecendo aquele estado íntimo de intensa tranquilidade.

Cheiro suave e agradável. Nada do que imaginara anteriormente.

O salão era de uma simplicidade que desafiava tudo que pensara antes.

Havia cadeiras dispostas com regularidade para a assistência; ao fundo, uma mesa que servia de altar, com uma imagem de Jesus de Nazaré, duas velas acessas ao lado e copos com água formavam a maior parte dos utensílios do culto. Tudo simples. Muito simples....”

Extraído do livro Tambores de Angola, ditado pelo espírito de Ângelo Inácio. Médium Róbson Pinheiro Santos.

“Expondo de forma simples as origens da Umbanda, a natureza de suas manifestações, os mitos que cercam os exus, pretos velhos, caboclos e a verdade sobre essas personalidades veneráveis, certamente colaborará para que essa bela expressão de religiosidade seja respeitada, admirada e amada. Contribuirá da mesma forma para que se compreendam as diferenças entre Espiritismo e Umbanda e entre esta e outras religiões que utilizam a mediunidade, uma vez que o desconhecimento dos homens tratou de confundi-las e de considera-las como uma só coisa.”

por Maria Rodrigues do Amaral

Creio que um dos maiores desafios que passamos é como falar com alguém que não conhece a nossa religião e conseguir dar-lhe uma imagem do calor, carinho do amor que sentimos, sem que com isto sejamos julgados por conhecimentos superficiais que nada correspondem a verdade do que vivemos todos os sabados, ultrapassar a barreira criada pelo medo que o desconhecimento e diferença provoca nas pessoas de que não é igual ao que fomos ensinados.

Recomendo esta leitura, assim como me foi recomendada; “olha lê que vais gostar e muito”.

ALEXANDRE GONÇALVES



DESAFIO ESCOLA

Este quadrado é para ser preenchido por si, sendo este espaço reservado para aqueles que têm algo a dizer a Escola de Curimba Caboclo Tupinambá, desde pensamentos, sugestões, bem como a partilha das suas vivências, para tal, se estiver interessado, envie o seu texto para:

jexercitodeoxala@hotmail.com

Agradecemos a sua colaboração

VOVÓ MARIA CONGA

Cenas de exaustivo trabalho em plantações de cana. É nisso que Vovó Maria Conga parece estar constantemente envolvida. Gosta de doces, cocada branca em especial, mas não dá demonstrações de ter sido esta sua principal ocupação na encarnação como escrava.

Sentada em um toco de madeira no terreiro contou, certa vez, alguns fatos de sua vida em terra brasileira.

Começou dizendo que só o fato de podermos conviver com nossos filhos é uma grande dádiva. Naquele tempo as negras eram destinadas, entre outras coisas, a procriar, a gerar filhos que delas eram afastados muito cedo, até mesmo antes de serem desmamados. Outras negras alimentavam sua cria, assim como tantos outros “filhotes” foram alimentados pela Mãe Conga. Quase todas as mulheres escravas se transformavam em mães; cuidavam das crianças que chegavam à fazenda, rezando para que seus próprios filhos também encontrassem alento aonde quer que estivessem.

Os orixás africanos, desempenhavam papel fundamental nesta época. Diferentes nações africanas que antes guerreavam, foram obrigadas a se unir na defesa da raça e todos os orixás passaram a trabalhar para todo o povo negro. As mães tomavam conhecimento do destino de seus filhos através das mensagens dos orixás. Eram eles que pediam oferendas em momentos difíceis e era a eles que todos recorriam para afastar a dor.

Maria Conga teve que se utilizar de algumas “mirongas” para deixar de ser uma reprodutora, e assim, pelo fato de ainda ser uma mulher forte, restou-lhe a plantação de cana. A colheita era sempre motivo para muito trabalho e uma espécie de algazarra contagiava o lugar. Enquanto as mulheres cortavam a cana, as crianças, em total rebuliço, arrumavam os fardos para que os homens os carregassem até o local indicado pelo feitor. Foi numa dessas ocasiões que Maria Conga soube que um dos seus filhos, afastado dela quando já sabia andar e falar, era homem forte, trabalhando numa fazenda próxima.

Seu coração transbordou de alegria e nada poderia dissuadi-la da idéia de revê-lo. Passou então a escapar da fazenda, correndo de sol a sol, para admirar a beleza daquele forte negro. Nas primeiras vezes não teve meios de falar com ele, mas os orixás ouviram suas súplicas e não tardou para que os dois pudessem se abraçar e derramar as lágrimas por tanto tempo contidas. Parecia a ela que eles nunca tinham se afastado, pois o amor os mantivera unidos por todo o tempo.

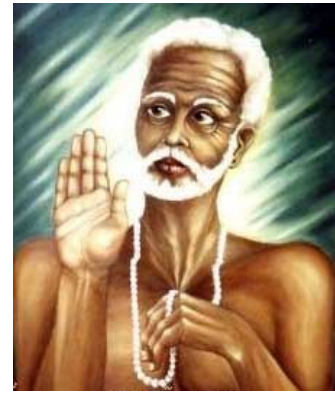
Certa tarde, quase chegando na senzala, a negra foi descoberta. Apanhou bastante, mas não deixou de escapar novamente para reencontrar seu filho. Mais uma vez os brancos a pegaram na fuga, e como ela ainda insistisse uma terceira vez resolveram encerrar a questão: queimaram sua perna direita, um pouco acima da canela, para que ela não mais pudesse correr.

Impossibilitada de ver o filho, com menor capacidade de trabalho, a Vó Maria Conga passou a cuidar das crianças negras e de seus doentes. Seu coração se encheu de tristeza ao saber que haviam matado seu filho quando tentava fugir para vê-la. Sua vida mudou. De alegre e tagarela passou a ser muito séria, cuidando do que falava até mesmo com os outros negros. Para as crianças contava histórias de reis negros em terras negras, onde não havia outro senhor. Sábia, experiente e calada, Vovó Maria Conga desencarnou.

Com lágrimas na alma ela acabou seu conto. Disse que só entendeu a medida do amor após a sua morte. Seu filho a esperava sorrindo, guardião que fora da mãe o tempo todo em que aguardava seu retorno ao mundo dos espíritos.

TEOPER- IN. T. PAI MANECO

UM NEGÔ VELHO



Noite na senzala. Os escravos amontoam-se pelo chão arranjando-se como podem. Engrácia entra correndo e vai direto até onde Amundê está e o sacode: - A sinhazinha está chamando, é urgente! - O escravo é conhecido pelas mezinhas e rezas que aplica a todos seus irmãos e o motivo do chamado é justamente esse.

O filho de Sinhá Tereza está muito doente. É apenas uma criança de cinco anos e arde em febre há dois dias sem que os médicos chamados na corte consigam faze-la baixar. Sem ter mais a quem recorrer, no desespero próprio das mães, resolveu seguir o conselho de sua escrava de dentro e chamar o africano. Aproveitando a ida de seu marido à cidade, ele jamais concordaria, manda que venha. Sabendo do que se tratava o homem foi preparado.

Levou algumas ervas e um grande vidro com uma garrafada feita por ele e cujos ingredientes não revelava nem sob tortura. Em poucos minutos adentram o quarto do menino e Amundê percebe que precisa agir com presteza. Manda que Engrácia busque água quente para jogar sobre as ervas que trouxe enquanto serve uma boa colherada do remédio ao garoto. Dentro de uma bacia coloca a água pedida e vai colocando as folhagens uma a uma enquanto reza em seu dialeto. Ordena que desnudem a criança e carinhosamente a coloca dentro da bacia passando-lhe as ervas no pequeno corpo. Nesse instante a porta se abre e surge o Sinhô Aurélio acompanhado do padre da cidade. Tereza grita e corre até o marido desculpando-se. O padre dirige-se a ela com ferocidade: - Como entrega seu filho a um feiticeiro? - dirigindo-se ao marido - Diga adeus ao menino, após passar por essa sessão de bruxaria ele morrerá sem dúvida!

Tereza corre até o filho e o cobre com um cobertor enquanto o marido ordena que o escravo seja levado imediatamente ao tronco onde o capataz aplicará o castigo merecido. - Engrácia, acorde todos os negros para que vejam o fim que darei ao assassino de meu filho! Todos reunidos no grande terreiro ouvem a ordem dada ao capataz: - Chibata até a morte! E vocês - aponta todos os escravos - saibam que darei o mesmo fim a todos que ousarem chegar perto de minha família novamente.

As chibatadas são dadas sem piedade, Amundê deixa escapar urros de dor entremeados com rezas o que somente aguça a maldade do capataz. Lágrimas copiosas correm pelas faces de muitos escravos. Após duas horas de intensa agonia o negro entrega sua alma e seu corpo retesa-se no arroubo final, finalmente descansará.

O silêncio do momento é cortado por um grito vindo da principal janela da casa grande: - Aurélio, pelo amor de Deus - é Tereza com o filho nos braços - o menino está curado, a febre cedeu e ele está brincando! Assim morreu Amundê conhecido em nossos terreiros como o velho Pai Francisco.

Sua benção, meu pai! Permita que jamais voltemos a ver algo tão perverso em nossa história.

JOSÉ CONDE- IN. POVO DE ARUANDA